



Trabalho e fôlego pela causa da juventude esposende.

ANO III — Julho de 1970 — N.º 26 — Director: Pároco de Esposende - Portugal — Telef. 89291 COMPOSTO E IMPRESSO NA Gráf. Editora do Cávado - Esposende

Que fazers? esculturas dos proximos meses do regimemento em gestis e da colatação dos seus pedimentos.

PARAREFLECTIR

A falta de pudor feminino por em grave perigo a vida moral da juventude esposende.

HÁ um ditado popular que diz assim: «Pela aragem se vê quem val na carruagem».

É absolutamente certa esta filosofia da nossa gente.

Se é certo que não devemos julgar só pelas aparências também é certo que podemos tirar as nossas conclusões pelas maneiras, atitudes e formas de apresentação das pessoas com quem tratamos e convivemos.

Isto vem a propósito da maneira despuorida de vestir da gente feminina.

Era fácil, noutros tempos, distinguir uma mulher ou rapariga séria e honesta doutras que o não eram. Hoje porém, já não é assim.

E então não há distinção de classes, tal é o desaforo que campela por toda a parte.

Noutros tempos só as mulheres de mau porte vestiam mal com intenção de provocar. Hoje, mesmo as meninas e senhoras de porte digno; usam vestidos tão reduzidos que, se não fossem conhecidas como honestas, pela sua educação, formação e condição social, seria a sua reputação posta em dúvida.

E esta onda do mal invade todos os meios sociais, desde a senhora mais nobre, à rapariga mais humilde.

O pior é que fazem ostentação da falta de pudor, pelas suas maneiras arrogantes, ousadas e atrevidas que podem ser mal julgadas por pessoas que as não conhecem.

Embora nós sejamos o que somos diante de Deus, no entanto que haja equilíbrio entre o que realmente somos e o que mostramos ser.

Ninguém se deve julgar no direito de arrumar o pudor para o número das coisas velhas e inúteis, quando em todos os tempos, foi o melhor e o maior ornato da mulher.

O recato e a decência foram sempre virtudes de grande mérito na mulher portuguesa.

— O esculturas desta vida projectam realitar, no mês de Agosto, a realização de um trabalho de concelho.

Abuso inqualificável

— A Comissão de Escravas da moda, cópia do estrangeiro, as mulheres portuguesas tomam tais ousadias na maneira de vestir, que tal abuso não é só restrito às praias e lugares de repouso, mas já invadiu as cidades, as vilas, as aldeias e os meios de trabalho, e ainda, o que é pior, as nossas igrejas, onde é tudo sagrado e onde reside o Senhor que ditou ao homem e à mulher, dois mandamentos que lhes impõe pureza e honestidade nos pensamentos, desejos, palavras e acções.

É simplesmente lamentável que tantas senhoras e raparigas se esqueçam da sua condição de baptizadas e cristãs, desprezando as regras mais elementares da decência, deixando-se escravizar pelos caprichos da moda, sem se preocuparem com o respeito que devem a si mesmas e com os princípios da moral que lhes foram ensinados na catequese.

E não hesitam, em trajes tão diminuídos, abelrarem-se dos sacramentos e receberem na sagrada Comunhão o Senhor que as há-de julgar.

Acaso a Igreja, pela voz dos seus pastores, não está constantemente a recomendar modéstia, recato, compostura e a impor leis para que haja o maior respeito, por todos, na maneira de vestir e também na Casa de Deus?

De quem é a culpa?

Os pais, os maridos e os noivos deveriam ser os primeiros a tomar a sério este desnorreamento corrigindo-o com a sua autoridade, negando-se a acompanhar as suas filhas, esposas e noivas, enquanto não se vestissem dignamente.

Não se lembram estes que a mulher se degrada, desvaloriza e rebaixa quando perde o sentido do recato? (Continua na página 2)

■ Noticiário ■ Para Reflectir

(Continuação da página 1)

— Mais um grupo de sete catequistas fez exame do Curso de Iniciação, aproveitando o ponto escrito que foi enviado para as catequistas do Curso de Fão.

— Felicitamos jubilosamente os nossos briosos escuteiros pelo jornalzinho «Brisa Escutista» que começaram a publicar. São credores dos mais rasgados elogios pelo que esse jornal traduz de amor, sacrifício, trabalho e gosto pela causa da juventude escutista.

— Sempre à frente e boa caça.

— Há dias procedemos a um Conselho de Pais de escuteiros para lhes dar conhecimento das actividades escutistas dos próximos meses, do regulamento em geral e da colaboração que lhes pedíamos.

— Regozijámo-nos pela óptima correspondência de quase todos os pais, que compareceram à reunião. Assim dá gosto e vale a pena trabalhar.

— A última reunião mensal da juventude (masculina e feminina) tratou do tema «Nós e a Praia», tendo sido feitas proveitosas considerações sobre os benefícios e malefícios da Praia e do Turismo, as atitudes a tomarmos e o que poderíamos oferecer aos visitantes.

— Os escuteiros desta vila projectam realizar, no mês de Agosto, uma exposição de artistas do nosso concelho.

— A Comissão das Festas em honra de N. Senhora da Saúde prepara cuidadosamente os últimos números do respectivo programa. Tudo promete não desmerecer do brilho dos anos anteriores.

— Até Outubro suspendemos a catequese aos domingos. Durante o mês de Setembro haverá catequese diária para as crianças de dez anos, ou mais.

— Várias pessoas, sobretudo do Porto, Braga, Barcelos e Póvoa, nos têm felicitado pelas missas dominicais na nossa Igreja Matriz. Agradecemos e temos pensado que muitíssimo mais poderíamos fazer, se encontrasse mais brio, gosto e vontade de colaborar.

— No dia 19 do corrente realiza-se, nesta Vila, um dia Vicentino.

ORDENS MENORES

No dia 4 do corrente mês recebeu todas as Ordens Menores o jovem António Manuel M. Marques Henriques, aluno da Faculdade de Filosofia de Braga.

Estas Ordens foram conferidas por Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo Primaz, na Capela da dita Faculdade.

Parabéns ao distinto seminarista e que este facto seja um incentivo para tantos outros que poderiam seguir o mesmo ideal.

NEM TANTO

Um condutor que guia com excesso de velocidade comete um pecado, porque se torna incapaz de evitar prejuízos à vida ou haveres seus e dos outros. É o pecado da estrada a que João XXIII não hesitou chamar «falta de disciplina que destrói mais vidas que uma guerra».

Nenhum condutor conte apenas com a sua habilidade para evitar um acidente. Tenha presente os sete

pejo e da vergonha tornando-se filhas fracassadas, esposas infieis e noivas que não merecem confiança?

E não se deixem iludir de que o reduzido vestuário feminino não passa de uma frivolidade ou de uma mera convenção social. Se há pormenores que se podem tolerar, há limites, intransponíveis firmados pela sã moral, com repercussões na vida dos jovens, na defesa da dignidade feminina, na solidez dos lares e no bem estar social.

Que fazer?

Sabemos que os governos das nações cuidam com o maior interesse da saúde física das populações, fazendo, nesse sentido, despesas astronómicas, para que não falte alimentação e condições favoráveis de vida.

Ora, porque não há o mesmo cuidado com a saúde moral?

A falta de pudor feminino põe em grave perigo a vida moral da juventude expondo-a ao vício, à corrupção e à imoralidade, sob todas as formas e aspectos.

Importa organizar uma campanha em forma, em que se comprometam as famílias, a Igreja e o Estado para que se ponha termo e suste esta onda de sensualismo que ameaça tudo subverter.

Faça-se um apelo às pessoas de bem e almas generosas para que sejam as primeiras a enfrentar a solução deste momentoso problema, organizando-se, de facto, numa associação que tenha por objectivo a defesa dos bons costumes, tomando as senhoras e raparigas associadas o compromisso de vestir honesta, digna e decentemente, bem como os pais, maridos e noivos o mesmo compromisso de fazer vestir bem as suas filhas, esposas e noivas.

Vamos nós principiar para que outros sigam o nosso exemplo.

MURMURAÇÃO

Os murmuradores deviam ser para nós sempre desagradáveis, porque, se hoje murmuram dos outros diante de nós, amanhã falarão de nós na nossa ausência.

— Até que horas estiveste ontem em casa dos Sousas?

— Até à meia noite.

— E porquê até tão tarde!

— Quando ouvia o que eles diziam de cada pessoa que se despedia, não me atrevi a sair senão depois de já estarem a cair de sono.

pecados mortais do utente da estrada: egoísmo, bebida, velocidade, impaciência, falta de cuidado, pouca atenção e negligência.

A má condução é imoral porque é contra os divinos mandamentos de nos amarmos uns aos outros.

MOVIMENTO RELIGIOSO

Em JUNHO

Baptismos

Dia 7.— Ramiro Filipe Eiras Viana, filho de Ramiro Gomes Viana e de Maria Eugénia André Eiras, residente na Rua Narciso Ferreira, 3.

OS NOSSOS BENFEITORES

Pelo número anterior ofereceram:

5\$00 — Armindo Gomes, António C. Zão, Adelino Torres, Hortênsia Viana, António L. Miranda, Júlia Maria Fernandes Carneiro, Rufino A. Ilá, Irene Fernandes, David André Eiras, Anónimo, Manuel J. Barreira, Dr. Belchior, Matias Costa, António P. Ferreira e Samuel Santos.

2\$50 — Manuel Maria Vasquinho, Manuel Reis Loureiro, Quintino V. B. Neto, Dr. Eduardo Regado, Albino Miranda, João Patrão, Manuel S. Pinto, Quitéria M. Barros, Celestina Zão, Anónimo, Abílio Menina, Anónimo, Júlia Barbosa, Maria Helena Gonçalves, Manuel Ferreira da Cruz, Manuel Rites, Mário Casais, Manuel Cerqueira Nunes, Joaquim Regado, Alzira, D. Olímpia Viana, Belmira Alves da Silva, Hercílio Campós, António F. Loureiro, Eduartino G. Viana, João Silva, António Losa, José Arménio, Dr. Ramiro B. Lima, Belarmino Ilá, Madalena Gaspar, Carlos Sá Maciel, Sr. Marques, Idalina Marques, Manuel N. Quinta, Álvaro Amâncio, Manuel M. Ferreira, Júlia Monteiro, D. Elvira Magalhães, José A. Sousa, João Neto, Garcia Domingues, António Sacramento e Olívia Sousa.

2\$00 — Bombeiros, Ludovina Reis, Maria de Fátima Reis, Abílio Teixeira e Fátima Pinto.

Pelo ano anterior ofereceram:

80\$00 — Anónimos (Vila do Conde).
60\$00 — Manuel L. R. Areia.
50\$00 — Manuel Rodrigues Ferreira e Joaquim Braga.
40\$00 — D. Isabel Gomes, Cândido Bastos, João Silva Júnior, Nelson Torres.
30\$00 — David Fernando F. Adães.
25\$00 — D. Maria de Lurdes A. Pereira, Dr. José Gonçalves F. R. Areia, Geraldo Silva, D. Maria Fernanda C. Moreira, Porfírio Moreira.
20\$00 — D. Teresa Viana, João Sá, D. Maria Firmina Tavares Ferreira, António de Sousa Ribeiro, Júlio Artur Garcia Nunes, D. Maria Laura Melo Ferreira, D. Celeste Pinheiro, Augusto Gonçalves Marques, António Terra, José Sá, António José Ferreira, Alfredo L. R. Ferreira, D. Maria Amélia Barros Lima, Jacinto Costa, Alberto Torres, José Martins Pilar, Albino Novais da Venda, António P. C. Capitão, Arnaldo S. Costa e Sá e Albino M. Figueiredo.

A Nossa Missa Dominical

Um Pároco dividiu da seguinte maneira os seus paroquianos, consoante o modo como encaram a Missa paroquial:

1.ª CLASSE

Os que não vêm à Missa paroquial:

- Tipo A — porque não vão a nenhuma;
- Tipo B — porque vão a não sei qual igreja ou capela por causa dos negócios;
- Tipo C — porque a Missa paroquial é comprida. Com a dialogação, cânticos, homilia e comunhão... leva o seu tempo, leva...

2.ª CLASSE

Os que vêm à Missa paroquial:

- Tipo A — no Coro, repimpados, mudos e tesos — como cadáveres nas Missas de corpo presente, ou dependurados nas grades, como prisioneiros a ver o que se passa no outro mundo cá de baixo;
- Tipo B — os estremunhados — no Corpo da Igreja, a ver se ficam muito perto da porta, para fugir com uma carteira roubada; nos lugares de passagem para servir de rolha de engarrafamento do trânsito: a olhar para o tecto, depois para um altar lateral, em seguida para um amigo com quem quer falar, entretanto consulta o relógio, abre a boca até às orelhas, não se esparguça porque não há espaço; e muito aborrecido só tem um arzinho de alegria quando, depois de dar um pequeno coice para trás, se escapa pela porta fora.
- Tipo C — os envergonhados — dialogam a Missa mas baixinho e a resmungar, não cantam nem comungam.

Tipo D — os filhos de Deus — dialogam e cantam, em voz alta, comungam e não têm vergonha de trazer o seu missal.

É neste grupo, caro paroquiano, que deves encontrar-te sempre na Missa: no grupo dos FILHOS DE DEUS e em nenhum dos outros.

(De «O. Redil».)

Missa ao domingo, sem comunhão...

Mil vezes não. Tens ouvido com frequência este convite: se não tens peccados graves e desejas ser melhor comunga agora! Hoje, não se exige de ti, somente que venhas à Missa.

Hoje deves comungar todos os Domingos. Isto é normal. Se ayivares a tua fé, verás que tremenda anormalidade é não comungar na Missa dominical. Ir à Missa e regressar, sem Jesus receber. É assim como ir à fonte e regressar, sem beber.

O demónio Uriel telefona para Satanás:

— Príncipe do inferno. encarregaste-me dum trabalho impossível. Peço-te que me dês outro encargo. Se me mandasses tentar um avarento, um bêbado, um impuro, servir-te-ia com muito gosto. Mas com Angélica, que faz dezasseis anos, não sei como proceder. Esta manhã, muito cedo, confessou se e para dizer com franqueza não sei que pecados pôde encontrar na sua consciência. Depois recebeu aquele Sacramento, que eu horrorizo. Por onde lhe hei-de pegar?

— Arranja-lhe roupa curta, muito curta, à moda. Vai dar bom resultado.

— Já começou a andar toda mini-roupa e mini-juízo — responde Uriel, passados dias.

— Agora faz-lhe usar produtos de beleza.

— Já emprega «baton» e «rouge» (vermelho) nos beiços e nas unhas, pinta as sobrancelhas, põe azul nos olhos, deita «rimel» nas pestanas, usa permanente no cabelo e faz «maquillage». Pobre tola! Nem dá conta que sem esses artificios era um encanto.

— Muito bem, Uriel — felicita Satanás. Agora leva-a a qualquer dos filmes mais indecentes que andam por aí. Pode ser, por exemplo, a «Piscina» ou outro parecido.

— Bravo! Isso é um filme de truz! Nem nós os demónios seríamos capazes de fazer coisa melhor. Angélica foi, corou nalgumas passagens, mas gostou.

— Está tudo a correr bem. A rapariga vai de pecado em pecado.

— Hoje foi um bom dia, chefe — comunica Uriel. Angélica roubou o dinheiro do cofre da casa em que trabalha. Mas teve a habilidade de fazer cair as suspeitas sobre outra rapariga, que foi despedida. Em casa mostra-se cada vez mais atrevida. A mãe farta-se de chorar. Agora, só agora, é que reconhece que devia ter sido mais severa.

— Que notícias me dás da rapariga que te mandei tentar? — pergunta Satanás, passadas umas semanas.

— Angélica tornou a roubar. Desta vez foi apanhada em flagrante e perdeu o emprego. Pela má fama que dela corre, não conseguiu arranjar outro. O ideal de Angélica é o cinema, fazer-se bonita, dar nas vistas, ouvir a dizer gracinhas, dançar e fumar. E nada disto lhe falta, à custa do... pecado.

— Muito bem. Uriel! Angélica perdeu a pureza. Agora tudo é fácil para nós. As raparigas dos romances que lê e dos filmes que vê, não se comportam melhor. Isto é o que agora se chama «vida moderna». Sempre quero ver se este ano se vai confessar pela Quaresma.

— Chefe, tudo consegui até que se fosse confessar. Mas só disse metade dos pecados e mesmo esses sem arrependimento e sem sombra de propósito de emenda.

CONVERSA DE DEMÓNIOS

Ao deitar, deixou pela primeira vez as orações da noite e não se benzeu. Isto vai cada vez melhor. Quais são agora, as tuas ordens, chefe?

— Leva-a à biblioteca pública, faz que pegue naquelas revistas e livros mais apimentados. Poderá começar pela «Plateia», «Caprichos», etc.

— Muito bem, mestre. Os teus conselhos são eficazes. Angélica delicia-se com revistas e devora livros indecentes. Os que escrevem, imprimem, vendem e emprestam tais porcarias trabalham melhor para o inferno do que muitos demónios juntos. Angélica tem-se modificado muito nos últimos tempos. Responde com asperza à mãe, ralha com os irmãos e no emprego trabalha com desleixo.

— Leva-a a um baile.

— E ela que é louca pela dança! A tarde de sábado e o dia de domingo são para o baile. Anda cada vez mais rodeada de más companhias. Em casa tornou-se insuportável. Que mais?

— Mete-lhe agora o vício do tabaco.

— Muito fino és tu, Mestre Satanás. Isto está a dar mais resultado do que eu esperava. Ela fuma um cigarro atrás do outro. Angélica já não é mais um anjo. Até a sua natural frescura e beleza desapareceram. Começa agora a sair com um rapaz e depois com outro, de dia e até de noite.

— A esse ponto queria eu que ela chegasse.

— Já deixou a missa ao domingo. Porque passa a noite anterior a dançar desculpa-se que está muito cansada e que lhe dói a cabeça. Os rapazes são cada vez mais atrevidos com ela, e ela cada vez mais contente com as suas graças e loucuras. Estou a gostar do meu trabalho com Angélica. Deu óptimo resultado. Que orientações mais me dás?

Até parece que sentia gozo dos pecados cometidos, porque assim mostrava-se uma rapariga actual, desempoeirada. No dia seguinte para dar nas vistas foi receber Aquele, que nós detestamos.

— Confissões e comunhões como esta são melhor passaporte para o inferno. Já o disse um tal Paulo, que nos escapou, grande apóstolo d'Aquele que nós odiamos.

— Angélica deixou inteiramente a oração. Por qualquer razão falta à missa ao domingo. Perdeu por completo o pudor e os pecados multiplicam-se sem número. Já não me dá trabalho.

— As tuas notícias ao princípio agradavam-me muito. Agora já não tem mais interesse porque tudo segue o seu caminho. Só falta o último passo que é Angélica vir fazer-nos companhia.

— Trabalhei bem, não é verdade, chefe?

— Sim, mereces os parabéns. Mas a honra não é só tua. A mãe ajudou-te muito, como costuma acontecer com as mães modernas. Como elas são cegas e ingénuas! Começam por dar todas as liberdades às filhas para as terem contentes, para que não reclamem, e para fazerem figura no meio das outras. Vestidos curtos, vaidades, pinturas, cinemas, festas, bailes, andar com quem lhes apetece, sair e chegar a casa quando quiserem: — tudo lhes consentem. Não vêem ou fingem não ver mal nenhum nestas coisas. Desculpam-se: «— A juventude é boa, sincera, descontraída e precisa de se divertir. Este mundo não é um convento e as nossas filhas não nasceram para freiras». Assim facilitam muito o nosso trabalho e só se dão conta do mal quando já não há remédio. Tanto melhor para nós! Estamos a trabalhar bem.

(De «A Cruzada Eucarística»)